



1290005471



FE

TCC/UNICAMP V597c

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação

Laura Regina Solé Vernin

CONTRIBUIÇÕES PARA OS ESTUDOS DE CURRÍCULO:
escritas, imagens e o devir

PREZADO LEITOR

Ao retirar o material bibliográfico, você se torna responsável por ele. Esperamos que faça bom uso e que tenha cuidado pois se houver qualquer dano (rabisco, recorte, etc.) ou extravio do mesmo, você será o responsável pela reposição.

A DIREÇÃO

Campinas
2010

2011 32634

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação

Laura Regina Solé Vernin

CONTRIBUIÇÕES PARA OS ESTUDOS DE CURRÍCULO:
escritas, imagens e o devir

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UNICAMP, para obtenção do título de Bacharel em Pedagogia, sob orientação do Prof. Dr. Antônio Carlos Rodrigues de Amorim.

Campinas
2010

| | |
|--------------|----------|
| UNIDADE: | FE |
| Nº CHAMADA: | TCC |
| | V597c |
| V: | EX: |
| Tombo: | 5471 |
| PROC.: | 130/11 |
| C: | D: X |
| PREÇO: | 11,00 |
| DATA: | 14/04/11 |
| COD. TIPOLO: | 715850 |

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

Vernin, Laura Regina Solé.
V597c Contribuições para os estudos de currículo: escritas, imagens e o devir /
Laura Regina Solé Vernin. -- Campinas, SP: [s.n.], 2010.

Orientadora: Antônio Carlos Rodrigues de Amorim.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Deleuze, Gilles, 1925-1995. 2. Currículos. 3. Imagem. 4. Identidade. I.
Amorim, Antônio Carlos Rodrigues de. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação. III. Título.

10-331-BFE

Aos meus pais que me proporcionaram oportunidades.

AGRADECIMENTOS

À minha família, que me apóia em minhas multiplicidades.

Ao meu orientador, que me apresentou um novo modo de ver.

Ao grupo Humor Aquoso com quem estive presente durante um ano e meio.

Às minhas amigas, Adriana Pontes de Oliveira, Bárbara Hernandes, Carolina Magalhães, Helena Tanikawa, Lais Jaciani, Rayane Aranha e Thaís Pinheiro que presenciaram o dia a dia durante quatro anos.

Ao meu amigo, Caio Padilha, que me apresentou à novas oportunidades na faculdade de educação.

RESUMO

Esse trabalho de conclusão de curso compõe o projeto *A quem será que se destina? Imagens e palavras pós-estruturam a escola...* A fotografia, cinema, e literatura criam movimentos para pensar o currículo pelas provocações da filosofia de Gilles Deleuze. Objetos expositivos em instituição escolar podem gerar acontecimentos. *O que podemos conhecer a respeito desta instauração do fragmento no currículo? Como apreender o movimento e os fluxos por onde extravasam os (sem) sentidos das imagens no currículo?*

ABSTRACT

This work is part of the project *A quem será que se destina? Imagens e palavras pós-estruturam a escola...* The pictures, cinema and literature create movements and proportionate thoughts about the curriculum by Gilles Deleuze's philosophy. Objects in an educational institution can generate events. *What can we know about the instauration of this fragment in the curriculum? How can we apprehend the movements and the fluxes where the (non) sense of the images extravasate in the curriculum?*

SUMÁRIO

| | | |
|------|----------------------------------|----|
| I | O Círculo..... | 07 |
| II | A Pintura..... | 10 |
| III | O Descascar..... | 13 |
| IV | Imagem e Devir..... | 15 |
| V | Desenvolvimento..... | 17 |
| | O Foco..... | 18 |
| | Escolha da Escola..... | 19 |
| | Primeira Exposição..... | 20 |
| | O Trabalho Continua..... | 21 |
| | Reunião com os Professores..... | 21 |
| | Montagem da Intervenção..... | 22 |
| | Intervenção..... | 23 |
| | Descascar..... | 24 |
| | Segunda Exposição..... | 25 |
| VI | Imagens e sensações..... | 27 |
| VII | Multiplicidades e sensações..... | 38 |
| VIII | Referências Bibliográficas..... | 42 |
| IX | Anexos - CD com fotografias..... | 44 |



O CÍRCULO

O círculo. O buraco. A roda. O chapéu. A brincadeira. O aniversário. A reunião. A explicação. A execução do trabalho. O aprendizado. As carteiras. A mesa. O movimento. O círculo. Aberto. Fechado. O círculo. O semicírculo. A união. A panela. A horta. A comida. A reunião. Ouvir a canção. Assistir ao desenho. Deitar no chão. Tirar um cochilo. O círculo. A circularidade. Vai para casa. Brincar. Correr. Família. Comida. Dormir. Direto para a escola. A rotina. O dia-a-dia. Tudo de novo. O círculo. Volta ao começo.

O caos fica de fora! Ou será que não? Quando brinca, come, dança, canta, chora, mama, aprende, ouve, assiste, presta atenção, ouve o “não”, cai no chão, anda descalço, corre no pedaço, pede um abraço e volta ao começo, será que esquece? Ou nunca soube? Será que as marcas do fora do círculo o invadem? Será que as de dentro saem? Será que tudo é a mesma coisa? Ou é tudo separado?

“Quem canta os males espantam.”

Não só quem canta! Quem brinca, corre, grita, dorme e participa também. Mas... dentro do círculo. O círculo, a rotina, o dia-a-dia é proteção. Protege do que? Do fora do círculo. O que tem lá? Movimento, voz, luz, som, claridade, toque, que som chato! Pára! O que tem lá? O caos? O traço traçado redondo ao redor do círculo em torno do centro frágil e incerto organiza. Pelo menos por um pequeno e curto espaço, organiza (DELEUZE, GUATARRI, 1997, p.116). Todo o resto fica para fora. Aqui dentro posso fazer... comida, festa, amizade, brincadeiras. Enquanto circula o círculo, tudo funciona.

Aquele que já esteve em um carrossel sabe que quanto mais para fora do círculo, mais próximo da berada, mais a força toma conta dos movimentos, sendo mais caótico e divertido o passeio. E quanto mais para dentro, mais perto do eixo central, menor a força, mais a estabilidade e mais a segurança, apesar do enjôo que se sente de estar só. Cada um escolhe seu modo de passear, de ser, de viver. Mas enquanto há escolha, tudo circula, tudo movimenta.

A escolha de onde estar, é do próprio sujeito, são as escolhas que começam a possivelmente definir quem este é, ou não é. A identidade do ser se forma com as vontades e com o que cada experiência proporciona. A sensação importa. Com qualquer idade a sensação importa. Tudo aquilo que vemos, ouvimos ou sentimos importa, e traz sensações. A falta de ver, ouvir ou sentir também traz sensações.

Há um espaço entre o ver e o não ver, o ouvir e o não ouvir e o sentir e o não sentir. Há sempre algo entre esses, há sempre o devir-outro. Nesse lugar não há diferença entre ser ou não ser, estar ou não estar, escolher ou deixar de escolher, pois a distinção desses para de existir. A linha do meio, o espaço entre esses, o devir, se torna mais uma parte a se integrar entre as diferenças, entre as multiplicidades, e interagem (SEMETSKY, Inna. 2006, p.12). Em alguma parte entre a firmeza do centro do carrossel e o caótico da berada está o devir. Esse faz parte do todo ao estar junto das partes que seriam distintas. Seriam distintas, antes de haver a presença do devir-outro, do espaço, do meio que juntamente com tudo o que é distinto forma a zona de indiscernibilidade.

Assim, quando cantarola, para. Quando para, continua. Não se sabe mais qual escolher. Não há o que escolher.



A PINTURA

Naquela sala toda encapada, as crianças entram. É jornal? Não é jornal, é gente. Olha a professora ali. Olha a amiga lá. O Saci também tá aqui, sozinho sentado ali. A sala tão vazia de tantas coisas que tinham lá antes, e ao mesmo tempo tão cheia de coisas novas. Novas do modo que vejo agora, mas ao mesmo tempo já vi isso antes.

A professora, com prancheta e caneta em mãos, diz: Podem desenhar! Uma criança estende a mão. Logo a próxima faz o mesmo, e a outra, e a outra. Com canetas, giz de cera, lápis de cor, papel crepom e água, anilina e álcool na sala. A professora diz: “O chão! A parede!” As crianças não entendem. Pedem papel. A professora dá um papel para você e outro para ele. Logo mais pintam tudo. O chão, atrás da porta, debaixo da janela, ao lado do colega, junto com o amigo.

Vou pintar o sol. A roupa da professora. O cabelo de todo mundo, cada um de uma cor. O Saci quem pinta é eu. Corre, anda, rola, grita, canta. Começa tudo de novo. Pinta, fala, corre e grita. Tem outro sol aqui. Outro saci lá. Olha o burrico mais uma vez. Vermelho, roxo, azul, amarelo, marrom, verde, lilás, cor-de-rosa e laranja também. Pinta com giz. Com canetinha. Com crepom. Rola pra lá e pra cá. Ri. Chora só um pouco. Volta a brincar.

Cadê a boneca? E o carrinho? Não importa! Engatinha. Brinca, pinta, corre, anda, rola, grita, canta. Começa tudo de novo. Pinta, fala, corre, brinca e grita. A professora tira foto. Logo todos tiram fotos. Uns brincam, uns pintam, uns fotografam. Que foto linda!

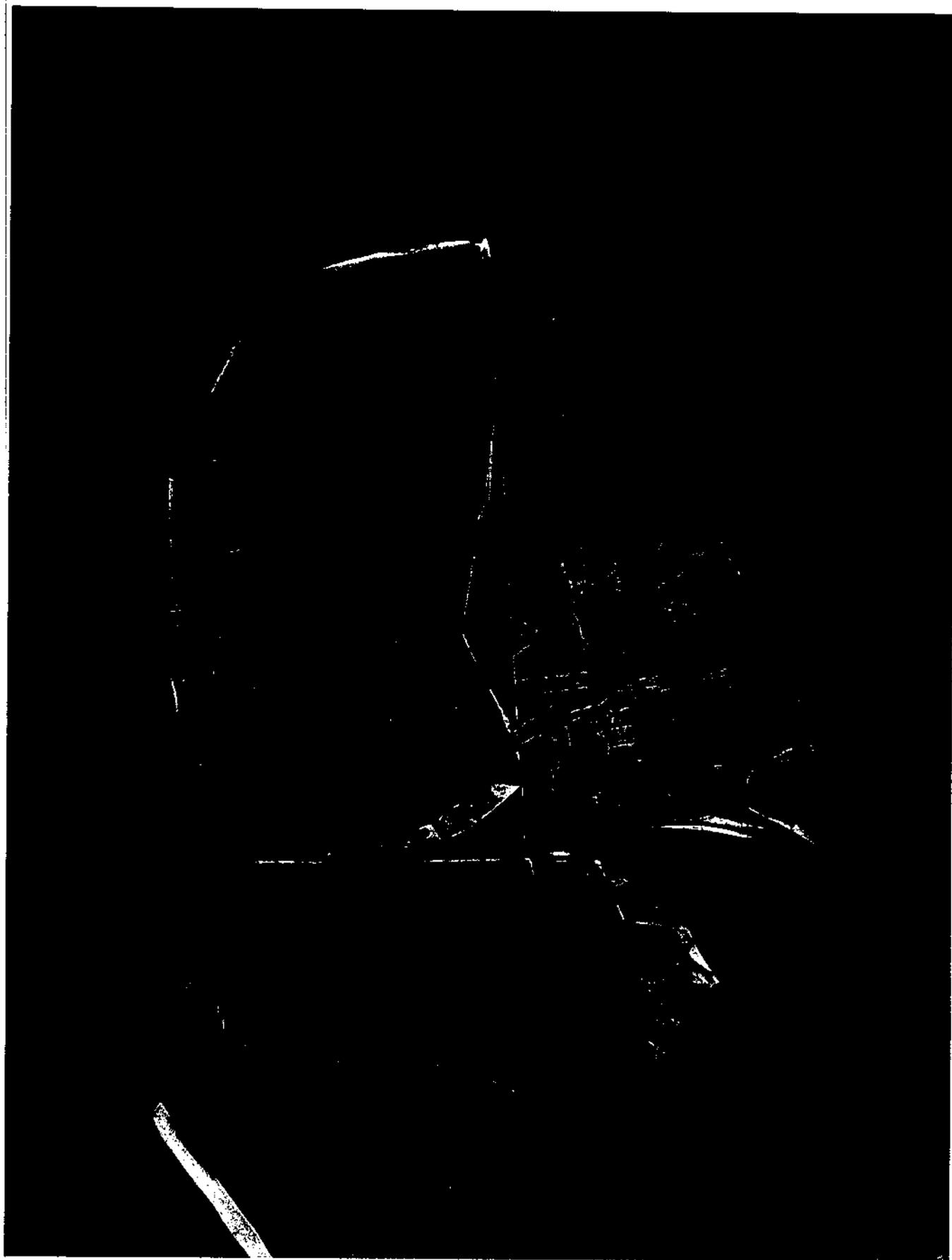
Senta na roda. Roda? Círculo? De novo? De novo. Tudo mudou, mas tá tudo igual.

Novo dia, mesma brincadeira. Ontem foi divertido, hoje também. Brinca comigo, senta aqui, rola ali. Pinta o sol, o burrico. Cadê o Saci? Não é Saci. Olha eu ali. Vou pra lá. Entra na roda. Pinta comigo. Rabisca aqui.

Olha ela lá. Nesse canto ela se pinta de vermelho. Olha ela lá, agora ela está verde. O colega ajuda a deixar ela mais colorida. São tantas fotos dela, tantas vezes ela pintando ela de diferentes cores. Cada vez que se pinta, ela é diferente. O ato é o mesmo, a pintura é semelhante, a arte é diferente. Ora tá sozinha, ora tem participação. Ora o burrico é marrom, ora é cinza.

Ele ri, aponta e mostra o desenho. O colega concorda. Ela tá com a língua verde. Que sensação engraçada. Qual o gosto do verde? Na minha mão o azul é melado. Que cheiro bom! Que barulho engraçado, faz de novo! De novo! Pega a tinta de bisnaga. Aperta. Roda e aperta, tudo junto. Aperta e roda.

Ixi, a folha rasgou. Tira daí. Desenha no lugar. Passa a canetinha que eu faço. Eu também quero. Pinta de azul, que eu pinto de roxo. O chão tá verde. É a grama. Dentro da sala? Grama melequenta. Pega o rolo. O pincel. Prefiro o lápis. Vou rabiscar. Vermelho, roxo, azul, amarelo, marrom, verde, lilás, cor-de-rosa e laranja de novo. O sol tá amarelo de novo, aqui, ali e lá. Começa tudo de novo. Volta para o início. Pinta, corre, brinca, chora, canta, faz roda. Engatinha, corre descalço. Que sono. Vamos embora. Amanhã tem mais. Tudo de novo.



O DESCASCAR

Uma semana e meia de brincadeiras. Aprendizado. Pintar, correr, cantar, gritar, falar, mandar. Apropriação de tudo que estava ali, de todos os rostos do chão e parede. Cada canto, uma história. Cada traço, uma sensação. Cada fotografia, outra sensação. Após toda a diversão, tudo vai abaixo. Como?

Um puxão aqui, outro ali. Um descasca começando do canto. Outro começa da porta, e ele do meio. Um se diverte, outro zomba, logo todos estão juntos. Eu pego aqui e ela do outro lado, puxa forte e descasca. A professora ali sozinha no canto perto do armário finge estar só. Faz sua parte sozinha, do jeito que quer, sem opiniões. Outros em círculo interagem. Dois acolá falam e descascam. Um vai vestir, quase veste, tira e joga no meio. Enquanto atrás da porta, sai tudo num único movimento. Ri. Chama atenção, socializa e ri. Continua a ação. Puxa aqui, puxa ali. Me ajuda! Passa para mim. Põe tudo no meio. Pedacos grandes, pequenos, médios. O professor fotografa tudo.

Puxa reto. Puxa torto. Brinca. Adulto também brinca. Olha eu ali. Olha eu no meio de tudo. Sim, no meio de todo o descascar. Professor vê a colega no meio de tudo e ri. Ela deita e rola. Cobre e aparece de novo. Fotografa. Ri. Fotografa dali. Que sensação engraçada. É o cheiro, o barulho, o liso da imagem, o crespo do papel Kraft. Fala alto, dá opinião. Brinca, ri, descasca. Nova sensação. E tudo muda. Um monte de descascar no meio da sala. Pula a fogueira. Não tem fumaça. Nem fogo. Conversa, comenta e ri. Trabalha seriamente em seu canto. Pica os papéis em pequenos pedaços.

Quanta coisa. O que faremos?

Que sala vazia. Volta ao começo. No começo da semana anterior tudo estava tão vazio, sem brinquedos. Ao longo da semana foi se preenchendo, com brincadeiras, cores, risadas, gritaria, falatório, amigos, colegas, pinturas, arte e muito mais. Agora o vazio toma conta novamente. Tudo veio abaixo rapidamente. A diversão foi boa. O aprendizado valeu à pena. Agora vamos voltar ao começo. Ao círculo. Ao buraco. À roda. Ao chapéu. À brincadeira. Ao aniversário. À reunião. À explicação. À execução do trabalho. Ao aprendizado. Às carteiras. À mesa. Ao movimento. Ao círculo. O dia-a-dia. Tudo de novo. O círculo. Volta ao começo. Tudo ensina e tudo aprende.

IMAGEM E DEVIR

Estudos de imagem pós-estruturalistas não focam nos sujeitos que expressam e produzem representações que marcam, que produz a escrita e imagens em uma marca discursiva. Em trabalhos como AMORIM, (2007, 2008 e 2009), há escritas produzidas em cursos de formação de professores, imagens literárias e fotografias contemporâneas. Essas também apostam em espaços vazios produzidos em encontro com seres e coisas que possibilitam estudo de escritas e imagens que têm foco na abertura no devir e não na identidade, na marca, na cicatriz.

Gilles Deleuze buscou compor pensamentos sem representações e cartografias, discutindo conceitos sobre esses. Conceitos são inventados pelo filósofo, sendo inevitável, pois são criados para falar sobre algo que não foi pensado antes. Isso acontece, pois a filosofia tem a intenção de descobrir condições para a produção do novo e do criativo.

A subjetividade humana possibilita aproximar os pensamentos de Deleuze, tal como ao pragmatismo, que é muito importante para a Educação (SEMETSKY, 2006). A subjetividade é uma multiplicidade que cresce no meio. O empiricismo está relacionado à multiplicidade, pois leva em conta que tudo começa no meio. A experiência é condição de possibilidade para o devir. A subjetividade é um processo de devir, é uma não identidade produzida em um processo de individuação. O devir se encontra entre duas multiplicidades distintas e provoca a desterritorialização. Essas não se tornam uma a outra. Há uma linha que separa a bipolaridade, tal como o hoje e o amanhã, o ser e o não ser, o aqui e o lá, essa é a terceira parte, essa é o devir-outro. As partes se encontram na zona de indiscernibilidade, essas não rejeitam uma a outra, mas existem em relação, em dinâmica. A subjetividade é produzida quando há a interiorização do fora, quando se encontra o outro dentro de si, as coisas se tornam outras (SEMETSKY, 2006).

O devir-outro são eventos. Os devires múltiplos acontecem no meio. VERNIN e PRIOLI (2010) apostam no devir-outro entre máscaras de papel dispostas na estante em uma das salas de uma escola quando escrevem:

“a escola realiza uma síntese da convivência com a diversidade em que o rosto (máscaras, cabeças de monstros, esculturas de face) é enfileirado lado a lado, sendo singular, e assustadoramente difere do outro. Diversidade, neste caso, poderia ser pensada como o adiamento das identidades conviverem. Nas prateleiras do desfile dos rostos, das máscaras, o currículo expressa-se em devir? Nas vertentes pós-estruturalistas, os estudos de imagem não apostam nos sujeitos e, sim, nos espaços vazios produzidos, possibilitando olhar para a abertura, para o devir. Não se pensa mais as fotografias como documentos, sendo a imagem um efeito de superfície e tal novidade sugere-nos a possibilidade do devir ilimitado. É pela diferença, e não na convivência de um diverso que busca pelo ‘igual’, que o pensamento permite-se existir. Ou sobreviver, adiando-se continuamente a ‘ser identidade’”. (2010, p.3).

Pensar os sujeitos pelo “jogo da diferença, do devir, e não na órbita do idêntico, do mesmo, da permanência” (AMORIM, 2005, p.125) gera transformações nas “maneiras de olhar e produzir imagens como recursos de construção de nossas experiências cotidianas e de nosso imaginário e não uma expressão que possa ser submetida à análise e interpretação, assumida como possível e verdadeira nas apresentações do cotidiano” (AMORIM, 2005, p.115). Há uma aposta na criação de escritas que possuem linguagem como efeito de superfície na formação de professores. Para Deleuze a superfície, a não profundidade ou preenchimento torna possível a linguagem como devir-ilimitado.

Essas conexões mostram caminhos no sentido de as imagens de escola liberarem-se da pessoalidade e da identidade e serem movidas pela força do devir.

DESENVOLVIMENTO

Esse trabalho de conclusão de curso compõe o projeto do Prof. Dr. Antonio Carlos Rodrigues de Amorim: *A quem será que se destina? Imagens e Palavras Pós-Estruturam a escola...* Há um grupo grande envolvido nesse projeto e, portanto, é impossível retirar desse trabalho de conclusão de curso as pegadas, dedos, mãos, idéias, colaborações, trabalhos e suor de tantas pessoas. Algumas que colaboraram em poucas reuniões, mas que trouxeram grande repercussão para o todo. Muitas que se encontraram semanalmente, sempre trazendo algo novo. O trabalho elaborado foi em todo momento um trabalho em grupo, sendo que, com a falta de uma pessoa sequer, o resultado final teria sido outro.

A pesquisa *A quem será que se destina? Imagens e Palavras Pós-Estruturam a escola...* tem a intenção de proporcionar sensações, trazer a estética não representacional e deslocamento do estilo discursivo. Para tal há encontros entre conceitos do filósofo Gilles Deleuze e palavras, imagens, experiências e tempos. O conceito de devir é colocado em evidência, e então adentra uma escola pública de ensino infantil áudio-visualmente para que haja acontecimentos.

A seguir conto como foi o trabalho desenvolvido que proporcionou acontecimentos ao longo do ano juntamente com a escola escolhida.

O Foco

O foco do estudo de imagem das vertentes pós-estruturalistas são os espaços desocupados, os vãos, vazios que abrem oportunidade para se entender o devir, permitindo assim um olhar e pensar diferente. A rotina permite experiências que trazem a possibilidade de produzir imagens que se transformam. As fotografias deixam de ser registro, e ganham intensidade de devir ilimitado através de suas linguagens. A identidade, subjetividade e cultura movimentam pensamentos na Educação em currículo.

As fotografias deixam de serem registros para mostrar as linguagens que essas possuem, mas com efeito de superfície. Linguagens que trazem um devir ilimitado. Idéias para se formar pensamentos diversos, diferentes, dessemelhantes, fugir do que é igual. Pois a identidade, subjetividade e cultura movimentam pensamentos na Educação.

As imagens liberam-se e proporcionam pensamentos a cerca do currículo pelos conceitos de devir e fabulação de Gilles Deleuze, mesmo aquelas de conhecimento escolar. Uma análise, tendo como base a filosofia de Deleuze, é possível acerca de acontecimentos por objetos que intervêm e que são expostos em instituições escolares. Para tal, a personalidade é deixada de lado, a diferença é levada em conta e a identidade é enfraquecida.

Escolha da Escola

Fomos à busca de uma escola no início do ano de 2010. A escola escolhida para aplicação do projeto foi a CEMEI Fernando Alpheo Miguel. É uma escola com poucos anos de funcionamento localizada no Bairro do São Marcos em Campinas-SP. A primeira visita do grupo de pesquisa à escola intrigou a todos, afinal a escola tem uma estrutura física muito boa, é muito bonita e está no meio de um bairro carente onde todas as ruas eram de terra e ao mesmo tempo o chão da escola branco, limpo, sem terra, sem pó. Como poderia uma escola de Ensino Infantil possuir um chão tão branco e ruas de terra ao seu redor?

A princípio a idéia do grupo foi de trazer o pó da terra para dentro da escola de uma forma diferente, através de imagens do fora da escola. Pensamos em articular essa idéia com outro material. A escola disponibilizou vídeos produzidos e imagens fotográficas, onde começaríamos a pensar em como compor uma estética que dimensionasse as experiências registradas pelos/com os conceitos de duração e ritmo segundo a filosofia de Gilles Deleuze.

Ao folhear as imagens fotográficas do dia-a-dia da escola em álbuns diferentes feito de papel começaram os pensamentos. Folheava, voltava páginas, passava pra próxima, pegava o outro álbum e repetia tudo de novo. Até que foi encontrado o círculo. Muitas das imagens fotográficas possuíam o círculo em diversos tipos de atividades: brincadeiras, hora do sono, na horta, em hora de prestar atenção, assistir ao desenho animado, em reunião de professores, em aniversário, no formato do chapéu, do bolo, o funcionamento físico da escola, e há até um círculo na parede do salão principal da escola. O círculo, o redondo, a circularidade, tão pedagógicos, tão presentes, às vezes tão alienantes.

Primeira exposição

Visitas ao longo do primeiro semestre de 2010 foram feitas para conversar com a diretora, coordenadora, professoras e monitores a respeito do trabalho a ser desenvolvido na escola, para que assim todos pudessem acrescentar suas idéias à pesquisa.

Em uma visita no dia 02 de junho de 2010 o grupo fez registros fotográficos próprios da escola e vizinhança. Além do registro fotográfico feito por Alik Wunder, Gustavo Henrique Torrezan, Lais Jaciani e por mim, João Paulo Prioli fez registros dos sons da escola. Reunimos nesse dia e os professores nos falaram a respeito das idéias que eles têm da escola, para que dessa forma nós as incluíssemos na exposição. Lembro-me da preocupação de uma professora de termos fotografado o horizonte visível da horta da escola, essa fotografia possui três faixas: o azul do céu, o colorido das casas e o vermelho da terra. Tal fotografia é representante do local para essa professora.

Cada fotografia registrada naquele dia, num horário propício pelo posicionamento do sol e cheias de significado para a comunidade, deveria compor uma exposição. Essa exposição aconteceu aos pais, professores e alunos no sábado dia 12 de junho de 2010. As imagens fotográficas do grupo e o som registrado no início do mês foram apresentados a todos em projeção após edição desses. Nessa ocasião foi possível trazer o fora da escola, o bairro para dentro da escola através de imagens que continham o vermelho da terra, o azul do céu e algumas características das casas do bairro. Contemplamos na exposição mais do que a primeira idéia de trazer o pó para dentro da escola, pois através das imagens trouxemos o bairro todo. As imagens se juntaram com os sons gravados e editados da escola, trazendo a todos sensações diferentes. Essa exposição foi apenas um começo.

O Trabalho Continua

Reuniões e mais reuniões para pensar como seria a intervenção que deveríamos fazer no segundo semestre de 2010. Tivemos a idéia de montar em uma sala uma arara com fantasias de forma que as crianças pudessem escolher o que vestir e que cada uma dessas fantasias possuísse imagens da própria escola. As crianças iriam com essas para casa e poderiam fazer modificações ao adicionar algo próprio em sua vestimenta. Mas o pensamento de ter fantasias se tornou distante pela dificuldade em que sua confecção traria, pois precisaríamos de um profissional e de um tempo hábil para tal. Além de que queríamos utilizar as imagens fotográficas que escolhemos do álbum que recebemos no começo do ano. Inserir as imagens no tecido traria alguma dificuldade. Essa intervenção seria forte para discussão dos conceitos em que trabalhamos. Mas ainda procurávamos algo diferente.

A coordenadora da escola permitiu que esvaziássemos uma sala, que fizéssemos uma colagem e encapássemos internamente esta sala. Todos os brinquedos da Sala Verde, que é a sala de brincadeiras, foram retirados e guardados para que pudéssemos utilizar o espaço.

Reunião com os Professores

Finalmente uma data! No encontro do dia 27 de agosto de 2010 escolhemos as datas de intervenção e de exposição. A intervenção seria instalada dia 20 de setembro, segunda-feira, e ficaria lá até dia 29, quarta-feira. Pouco mais de uma semana seria o suficiente para que todas as crianças da CEMEI tivessem a oportunidade de aproveitar a sala de formas diferentes. E no dia 29 de setembro seria possível fazer algo diferente com os professores e monitores, enquanto as crianças dormiam.

Montagem da Intervenção

Decidimos o que faríamos e qual o material precisaríamos comprar para que nossa idéia acontecesse. Para encapar todo o chão da Sala Verde e as paredes até a altura de aproximadamente 160 cm, seriam necessários: dois rolos de 200m de papel Kraft de 40 cm de espessura, 50 cópias de cada uma das 29 imagens que escolhemos do álbum da escola, cola branca e fita adesiva dupla face.

Colamos as imagens da escola xerocadas em preto e branco no papel Kraft na semana anterior, sem ordem específica. Enquanto uma pessoa puxava o rolo do papel Kraft, outra passava cola e a última colava a figura. Esse trabalho trouxe também a circularidade de alguma forma. Era possível fazer várias vezes o mesmo de modo diferente. O sentimento de ‘faltou tempo’ nos dominou quando precisávamos ir embora naquele último dia antes da instalação. Decidimos levar todo o material para continuar o processo na escola caso fosse necessário.

Dia 20 de setembro, segunda-feira de manhã nós fomos à escola e começamos o processo de esticar o papel Kraft, colocar fita dupla face e posicionar as figuras no chão e nas paredes. Havia muita expectativa nossa, da coordenadora e diretora. O melhor estava por vir.

Intervenção

A instalação que fizemos deveria ficar pouco mais de uma semana, de modo que fosse retirada em dia de reunião dos professores. Durante esse tempo as crianças entraram na sala diariamente e faziam suas intervenções na instalação. Ao conversar com a coordenadora da escola, descobrimos que o processo não teve um começo natural. As crianças não estão acostumadas a terem permissão de desenhar nas paredes e no chão. Assim que foi dada a oportunidade à primeira turma de começar a pintar essas pediram papel à professora.

Aquela sala que até a semana anterior estava cheia de brinquedos normais, naquele momento se tornou diferente. A sala vazia, pois não tinha os objetos que as crianças estavam acostumadas a brincar lá dentro, estava ao mesmo tempo cheia. Cheia de imagens da própria escola. Cheia de crianças, bebês, professoras e atividades nas paredes e no chão. Houve naquele espaço a sensação de vazio e de cheio. O devir instaurou-se pelas sensações em que cada pessoa que entrava lá sentiu.

Essa sensação só existiria em um curto espaço de tempo, uma semana e meia seria o suficiente para a instalação permanecer. Após esse período todos acostuariam com o diferente, e o diferente passaria a ser o igual. Por isso que o efêmero seria importante. A lembrança do acontecimento de algo provisório, passageiro deveria se manter.

Descascar

Naquele dia se reuniram professores, monitores, coordenadora, todos dispostos a descascar a sala. O descascar não seria apenas retirar rapidamente o que foi feito para que o espaço pudesse retornar ao que era. Essa atividade é significativa ao trabalho por proporcionar o começo da fragmentação de tudo aquilo que foi elaborado naquele local. Também é importante que fosse feito pelas pessoas que trabalham na escola por trazer maior significado.

Enquanto os professores descascavam, já planejavam a próxima exposição, onde todo o descascar estaria presente para que os alunos utilizassem aqueles papéis mais uma vez.

Segunda exposição

A fim de compartilhar mais uma vez aos pais, professores, crianças e funcionários atividades que trouxessem conceitos de Deleuze como o devir, fragmentação, acontecimento, no dia 6 de novembro nos reunimos na escola.

Ao longo do mês anterior as crianças e mães, pais ou responsáveis foram estimulado a levar à escola objetos das próprias crianças que estão em desuso. A idéia era modificá-los e trazer um significado diferente daquele que representava anteriormente para os donos. Mas essa atividade tornaria os objetos em algo diferente, o que descobrimos que as famílias não aceitariam. Por mais que os objetos estavam em desuso, as famílias queriam esses de volta por possuir um significado emocional. Sendo assim, uma nova idéia deveria tomar conta dos objetos. Os professores, monitores e coordenadora escreveram estórias próprias acerca de um objeto escolhido. No dia da exposição, fotografias ampliadas dessas imagens com as respectivas estórias estavam penduradas em uma sala de aula, a fim de todos entrarem e as ler. Estava tudo ao alcance das crianças de modo que essas não ficassem de fora do alcance das crianças. No mesmo local foi passado um vídeo produzido com o texto de Manoel de Barros “Histórias da Unha do Dedão do Pé do Fim de Mundo”

Um varal foi instalado em frente ao círculo da parede do espaço central da escola, onde as roupas em desuso foram penduradas. Nestas foram projetadas as imagens da instalação da pintura das crianças na Sala Verde, de modo que houvesse fragmentação das imagens. Aqueles que passaram no corredor atrás do círculo observaram a projeção que chegava a parede de trás por entre as frestas das roupas penduradas.

IMAGENS E SENSações



Figura 1. Autor anônimo, 2010.



Figura 2. Autor anônimo, 2010.

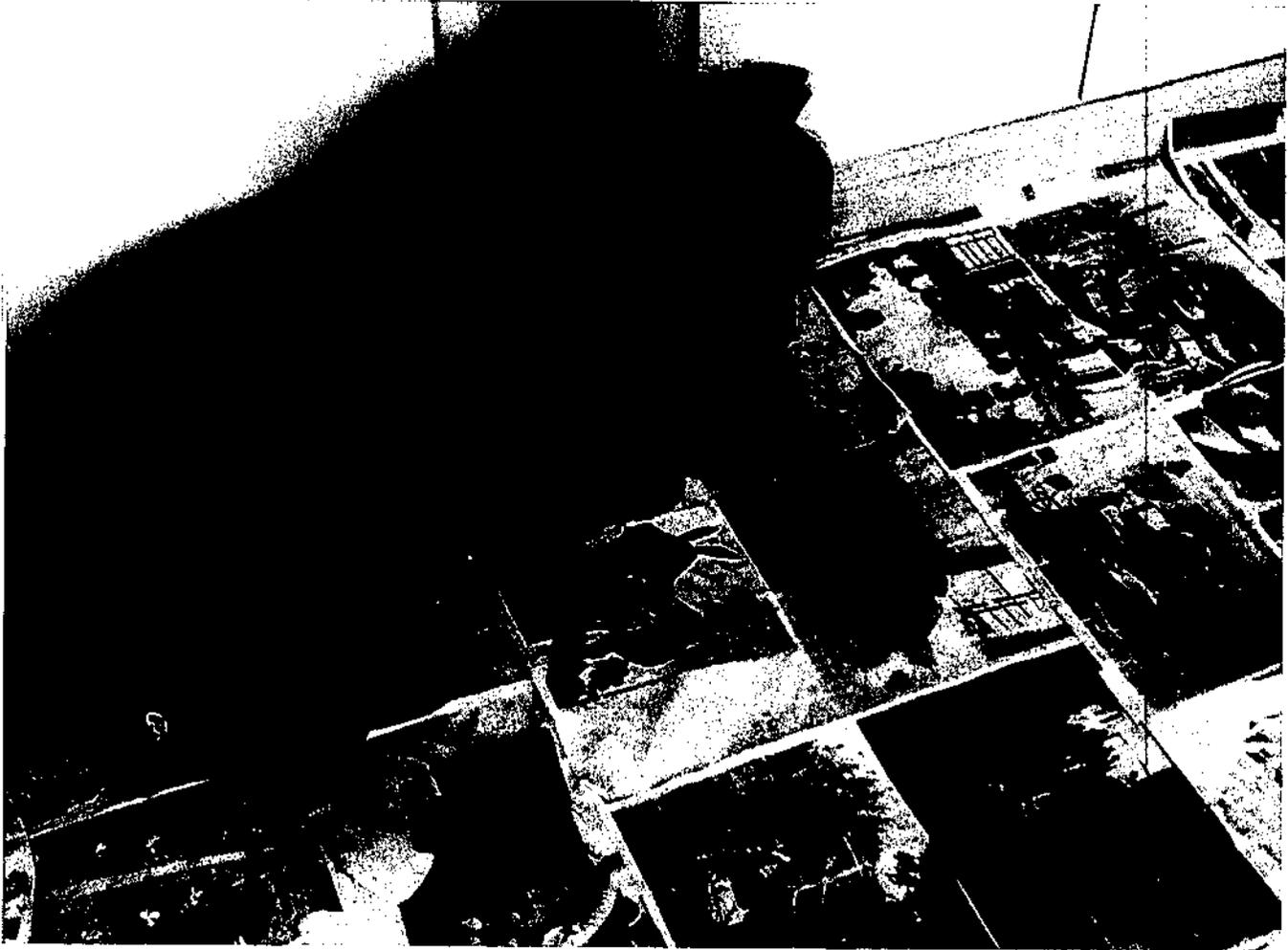


Figura 3. Autor anônimo, 2010.



Figura 4. Autor anônimo, 2010.



Figura 5. Autor anônimo, 2010.



Figura 6. Autor anônimo, 2010.



Figura 7. Autor anónimo, 2010.



Figura 8. Autor anônimo, 2010.



Figura 9. Autor anônimo, 2010.



Figura 10. Autor anônimo, 2010.

MULTIPLICIDADES E SENSações

Sempre ouvi dizer muito sobre a necessidade de modificar, mudar, melhorar a Educação. E também percebi, pelas minhas visitas a escolas, minha experiência como estudante de pedagogia e pelas conversas com diversas pessoas, alunos, ex-alunos e professores, que essa modificação não ocorreu ainda. Acredito que precisamos de um conceito de escolarização diferente. Os professores precisam rever o currículo como um todo, com novo olhar. Ainda existe a necessidade de eles quererem controlar totalmente o aprendizado do aluno, eles querem ter certeza do que os alunos estão aprendendo.

Há professores que possuem ainda a idéia de que eles transmitem conhecimento, que são os detentores do conhecimento e os alunos devem apenas receber os dados e assimilá-los. Essa hierarquia faz soar como se o professor não tivesse mais nada a aprender, apenas o aluno. Como se o problema de não aprendizagem estivesse sempre no aluno, nunca na prática do próprio professor. Pelo menos é isso que entendemos em suas falas.

Um professor assistente do departamento de currículo e instrução da Universidade do Estado de Louisiana dos Estados Unidos, Kaustuv Roy (2003, p.85) traz que os professores não precisam de novas habilidades, mas sim novas lentes pelas quais repensarão o currículo como um todo. Para Roy são necessários teorias e conceitos que possibilitam um remapeamento, e para isso ele volta-se para Deleuze.

Levar fortemente em conta a singularidade em um local que deveria ser das multiplicidades. Kaustuv Roy (2003, p.87) posiciona o conceito de multiplicidades de Deleuze ao

perceber o emaranhado das relações curriculares presentes na escola. Para Deleuze, todo evento, entidade, e até nós mesmos somos multiplicidades.

As multiplicidades operacionais são chamadas por Deleuze também de Rizoma. Este fenômeno emerge de variadas formas, tais quando os olhares e experiências de vida dos estudantes são afirmados, é possível rapidamente transformar em uma extensão sinérgica com conectividades proliferando em muitas direções (ROY, 2003, p.88). Essa proliferação que cresce para todos os lados e que não é hierárquica é semelhante ao crescimento de um rizoma de plantas, e por isso essa palavra é utilizada.

Um modo de devir permite a concepção de união de nossas coletividades a outros agenciamentos para agir sobre, como o currículo, que, corporifica nossas sensibilidades para estendê-la em direções que não temos costume. O currículo é visto como sendo intensidades corporificadas que desenvolvem quando as coisas próximas aos estudantes ocorrem (ROY, 2003, p.89). É necessário que os educadores permitam que as coisas ocorram. Tudo é oportunidade de aprendizado, um movimento, gesto, acontecimento ou mesmo algo acidental. Aquele aprendizado que ocorre no nível consciente é apenas um fragmento pequeno de todo o aprendizado que uma pessoa pode ter, “e foco demais no nível consciente pode levar a fome dos sentidos” (ROY, 2003, p.91). Sem esquecer que o aprendizado acontece para os professores e para os alunos.

A instalação feita na CEMEI proporcionou aprendizado e novos acontecimentos ao trazer sensações, pensamentos e sentimentos. Uma sala tão vazia, mas tão vazia que se vista de perto estava tão cheia. Cheia de convivência de escola, brincadeiras e aprendizado. Cheia de imagens. E depois, cheia de sentimentos e sensações que sobrepõem o que antes já existia. Com certeza tudo isso não se limitou às crianças. Os adultos também participaram, também se

interessaram, também procuraram ver mais. As crianças se encontravam nas imagens e fabulavam sobre outras, repetiam o processo sozinhos, juntos, no canto e no meio. Poucos dias depois, nada mais existia. Foi tudo tão rápido, passageiro, efêmero. Ocorreu um acontecimento que logo veio ao fim, e que sobre isso tudo, outros aconteceram e acontecerão.

“Multiplicidades podem ser arranjadas, desarranjadas e rearranjadas para formar novos agenciamentos. Isso significa que pensamento e sentimento podem ser transformados e estendidos em caminhos impensados previamente ao levar em conta as sensações e intensidades que foram previamente excluídas (ROY, 2003, p.87).”

As multiplicidades dão base aos acontecimentos que proporcionam o devir através de sensações. Lembrando que o devir é a linha do meio que separa o que é do que não é, o hoje e o amanhã, o aqui e o lá, o antes e o depois, quem escolhe e quem é escolhido. Sendo possível perceber a zona de indiscernibilidade onde só o devir-outro é encontrado (SEMETSKY, 2006, p.12). Só consegue perceber o devir no acontecimento através dos sentimentos e sensações daqueles que estavam presentes.

As imagens, os sons, as palavras de literatura efetuam o acontecimento, às vezes produzem uma versão de vertigem, às vezes sonambulismo, como se no sonho: um plano de composição. Tal composição demanda a construção da substância conceitual de educação. Eu apresento essa desconstrução como arte, no plano de composição, onde os objetos não são tão importantes, mas seus formatos, cores e sensações são (AMORIM, 2011, p7).

São as sensações de quem vê, toca, pisa descalço, pinta e fotografa que são importantes. A escolha das cores de quem pinta, o áspero do chão, o alto que a tinta deixa no papel, os sons que

o giz, o pincel e o rolo fazem ao passar no papel. Há também os sons dos outros que estão presente, e o modo que os colegas expressam as próprias sensações.

“Parte do desafio do currículo inovador é mudar continuamente situações em possibilidades de aprendizado, precisamos produzir currículo em conjunto com o devir...” (ROY, 2003, p.115). É o devir-curriculo que ocorre quando nos permitimos ser desterritorializados pela posição de outro. A aproximação a ser feita é acentrada, rizomática. Não há foco no aluno, não é necessário ter foco no aluno para que esse aprenda. Há o corporificar as intensidades do currículo e permitir que a aprendizagem aconteça para todos, assim como foi presenciado na instalação feita na CEMEI.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AMORIM, A. C. Curriculum Disfiguration. In: PINAR, W. (org). *Curriculum Studies in Brazil* NYC: Palgrave, 2011 (no prelo).

AMORIM, A. C. R. Educação e Ambiente, entremeios para imagens do humano. *Pesquisa em Educação Ambiental* (UFSCar). , v.3, p.105 - 118, 2008a.

AMORIM, A. C. R. Currículo, tempo perdido. *Anais do IV Colóquio Luso-Brasileiro de Questões Curriculares e VIII Colóquio sobre Questões Curriculares*, 2008, Florianópolis.

AMORIM, A. C. R. Duração: Currículo≠Refrão≠Repetição≠Imaginação. *ETD. Educação Temática Digital.* , v.9, p.324 - 331, 2008b.

AMORIM, A. C. R. Ponto. Ponto. Ponto Identidades, diferenças e imagens. *Leitura. Teoria & Prática*, Campinas, v. 48, p.13-18, 2007.

AMORIM, A. C. R. Fotografia, som e cinema como afectos e perceptos no conhecimento da escola. *Teias*. Rio de Janeiro, ano 8, no. 15-16, jan/dez 2007.

AMORIM, A. C. R. Gritos sem voz In: *Como nossas pesquisas concebem a prática e com ela dialogam?*1 ed.Campinas : FE/Unicamp, 2008c, v.1, p. 14-22. <http://www.fe.unicamp.br/gtcurriculoanped/documentos/LivroDigitalAmorim2008.pdf>

AMORIM, A. C. R. Um diferir do currículo de biologia com imagens de natureza In: *3º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação - 3º SBECE*, 2008. Canoas: Editora da ULBRA, 2008. v.1. p.1 – 17.

AMORIM, A.C.R. CurriculumDisfiguration. In: PINAR, William (coord). *Report of Research Intellectual Advancement Through the Internationlization of Curriculum Studies*. Canada: Social Sciences and Humanities Research Council, 2008. 24p.

AMORIM, A.C.R. Non-figurative narratives, or about life without subjects In: GIL, S. (org.) *Exploring Selfhood : finding ourselves. finding our stories in life narratives*.1 ed.Brighton : Guerand -Hermès Foundation, 2009, v.1, p. 167-189.

DELEUZE, Gilles; Guatarri, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4. São Paulo, Ed. 34. 1997.

ROY, Kaustuv. *Teachers in Nomadic Spaces: Deleuze and Curriculum*. Peter Lang Publishing, New York, 2003.

PRIOLI, João Paulo; VERNIN, Laura Regina Solé. Título (26 de novembro, 2009). In. *Jornal de Educação & Imagem*, ano III, nº19, Abril 2010.

SEMETSKY, Inna. *Deleuze, Education and Becoming*, Sense Publishers, Australia, 2006.